

Presentações

Expondo-me à escuta ou à leitura do texto de Stela, percebo que ele está numa relação imediata com o *fora*. Ainda que isto não se dê de maneira regular e constante, pois varia em graus de intensidade, ele é atravessado por um movimento que vem de fora. O encontro com ele só acontece buscando as forças em puro devir que dão a ele um sentido, ou seja, conectando o texto a essas forças. Encontro nele não a representação de estados vividos por Stela, mas as intensidades que compõem seu texto e que formam este composto de sensações em que suas falas foram se tornando à medida em que foram sendo tecidas. Sensações que não se confundem com sentimento, como diz Valéry “...sensação é o que se transmite diretamente evitando o desvio ou o tédio de uma história a ser contada.” (Deleuze: 2007, p 43). Seria melhor dizer: quero me encontrar com as intensidades que transitam nesse texto. As intensidades têm a ver com nomes próprios, embora estes não sejam nem representações de coisas, nem representações de palavras, coletivos ou individuais. São nomes próprios que passam no texto de Stela e que não são apenas significantes ou significados, mas alcançam modos de designações de intensidades sobre o corpo sofredor e glorioso de Stela:

Cemitério defunto cadáver
Esqueleto humano asilo de velhos
Hospital de tudo quanto é doença
Hospício
Mundo dos bichos e dos animais
Os animais: dinossauro camelo onça
Tigre leão dinossauro
Macacos girafas tartarugas
Reino dos bichos e dos animais é o meu nome
Jardim Zoológico Quinta da Boa Vista
Um verdadeiro Jardim Zoológico
Quinta da Boa Vista
(PATROCÍNIO: 2001, p. 118)

Este modo de me aproximar do texto de Stela corresponderia na pintura à maneira de experimentar um quadro de Bacon – não como figurativo mas como figura – pois se o quadro não tem nada a narrar, ainda assim *algo se passa* no contorno do quadro, lugar de uma dupla troca entre a estrutura material do quadro e a figura. Como diz Deleuze, “escrever não é contar as próprias lembranças, suas viagens e lutas, sonhos e fantasias” (DELEUZE: 1997, p. 12). A escrita é uma possibilidade de viver e constituir-se como experiência. A finalidade da literatura é construir “o escritor como vidente e ouvitor” (id.ibid., p. 16) A palavra é míope, ela opera alguma coisa que não é da zona do invisível, mas também está longe do visível. Para Blanchot, falar é o mesmo que errar, como se estivéssemos afastados do visível, sem termos retornado ao invisível, pois falar não é ver. Só se pinta, só se esculpe, só se escreve e se compõe com sensações porque a arte, nesse caso, é entendida como a linguagem das sensações, que penetra palavras, cores, sons ou pedras. Não são percepções e afecções vividas, pois o escritor (e todo artista) “excede os estados perceptivos e as passagens afetivas do vivido”, pensamento de Deleuze e Guattari. Não são suas histórias, suas lembranças, suas viagens, seus fantasmas, seus sonhos. Esse composto de sensações se tornou com Stela linha de fuga para a vida, modo de não estancar a vida em contornos fixos mas potencializá-la e transformá-la, sempre desencadeando devires e outros fluxos de vida.